

Consórcio Nacional POUPEX

Planeje a realização de seus sonhos

IMÓVEL, CARRO, MOTO E SERVIÇO

VANTAGENS

- atendimento personalizado.
- as melhores taxas.
- alto índice de contemplação.
- agilidade na liberação da carta de crédito.
- grupos financeiramente equilibrados.
- garantia da FHE.



Conheça as condições no site
fhe.org.br/consorcio

Para militares da ativa e inativos, seus pensionistas, cônjuges e filhos, os servidores civis das Forças Armadas e seus pensionistas, os empregados do Banco do Brasil S/A e outros mediante contrato de convênio.

ESCRITÓRIO REGIONAL NO RIO DE JANEIRO/RJ - ESCRJ

Praça Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni (PDC) - 3º Andar - Centro - 20221-260
Rio de Janeiro/RJ - Fone (21) 2196-4444 - Fax (21) 2196-4440



Fundação
Habitacional
do Exército



Associação
de Poupança
e Empréstimo

Consulte os endereços e telefones dos Pontos de Atendimento da FHE no site www.fhe.org.br

Central de Teletendimento ao Cliente 0800 61 3040 Ouvidoria 0800 647 8877 Central de Teletendimento aos Surdos 0800 646 4747

FINANCIAMENTO PARA
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

POUPEX

Com a POUPEX, aquele projeto de construir ou reformar o seu imóvel e de comprar armários planejados se materializa. Você pode financiar o material de construção, na loja de sua preferência, no valor de até R\$ 200 mil. Os juros são baixos, a liberação do crédito é ágil e você pode pagar em 96 meses. Além de todas essas facilidades, há uma equipe de profissionais para orientá-lo. Materialize já o seu sonho. Visite o Escritório Regional do Rio de Janeiro, no Palácio Duque de Caxias - Centro.

JUROS BAIXOS

PARA O PÚBLICO EM GERAL

(21) 2196-4444

WWW.POUPEX.COM.BR/FMCG

Escola Sul-Americana de Defesa, identidade cultural e bolivarianismo

Assimetrias na integração dos estudos de defesa

Rodrigo Pereira Pinto*

Introdução

Escola Sul-Americana de Defesa (ESUDE) foi criada em 17 de abril de 2015 para a “elaboração de políticas de defesa e, também, a capacitação de civis e militares nos assuntos de defesa e segurança regionais” (PEREIRA, 2015). A Escola foi fundada em Quito, no Equador.

Fatores dos mais diversos acabaram configurando o subcontinente Sul-Americano como um dos mais estáveis em termos de defesa, criando um ambiente praticamente livre de anacronismo e divergências que impossibilitem a cooperação e integração no âmbito da segurança e defesa regional.

As fronteiras entre as nações da América do Sul estão praticamente consolidadas, sendo espaços que favoreceriam a integração regional, não fosse a existência de diversas assimetrias, que podem constituir obstáculos ao estudo integrado dos assuntos de segurança e defesa. Neste trabalho serão destacadas as assimetrias culturais, que têm origem nas identidades existentes no ambiente sul-americano.

As diferentes origens, a grande diversidade cultural e divergentes identidades

em presença são causas de antagonismos que podem constituir obstáculos para que a ESUDE atinja os objetivos propostos no momento de sua criação.

A ESUDE

A Escola Sul-Americana de Defesa foi criada a partir do Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS) e do Centro de Estudos Estratégicos (CEE). A Escola surgiu da intenção de compartilhar concepções de defesa e facilitar o conhecimento acerca da Base Industrial de Defesa (BID) dos países membros.

A Escola Sul-Americana de Defesa, com sua inauguração ocorrida em Quito, no Equador, irá agregar conhecimento e qualidade às pesquisas elaboradas pelo Centro de Estudos Estratégicos (criado em 2011 pelo CDS), pois seu principal objetivo é a formação de equipes especializadas em Defesa e Segurança Regional, tanto de civis quanto militares, com ligação às forças armadas dos países sul-americanos. (VIEIRA, H. et al., 2015)

Mais do que pensar concepções estratégicas nos campos da segurança e da defesa (papel que cabe ao Centro de Estudos Estra-

* Maj Inf (AMAN/00, EsAO/09). Atualmente, é aluno da ECEME. (rodipinto@hotmail.com)

tégicos), a ESUDE busca prioritariamente a formação de quadros militares e civis nos estudos de defesa e segurança regional (NA-FALSKI, 2010, p. 96-97). Assim, militares e civis passarão a receber uma formação mais voltada à realidade da defesa na América do Sul (CARMO, 2015).

No complexo ambiente da integração sul-americana, que compreende a dimensão econômica, política e de segurança (CERVO, 2008, p.02), a expectativa é que a ESUDE se afirme como uma instituição de ensino capaz de

[...] promover uma visão conjunta da defesa e da segurança regional em uma perspectiva **multicultural**, de diversidade e pluralidade, que pretende contribuir para a consolidação da integração regional do bloco sul-americano, conciliando a **identidade regional** com os múltiplos interesses dos países que compõem o bloco. (FERREIRA; FONSECA; e COSTA, 2016 – **grifo nosso**)

Assim, o que se espera da ESUDE é que possa propor estudos e apresentar soluções para os temas que afetem a segurança e a defesa regional, considerando o multiculturalismo existente, sendo capaz de “abandonar velhas rivalidades e criar uma maior conversão regional para temas de Segurança e Defesa” (VIEIRA, H. et al, 2015).

Para atingir seus objetivos, a ESUDE ofereceu em 2016 um total de quatro cursos: Curso Sul-Americano de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos; Curso Avançado de Defesa Sul-Americano para Altos Funcionários (civis e militares) dos Ministérios da Defesa; Curso Sul-Americano de Defesa e Pensamento Es-

tratégico; e Curso sobre Perspectiva de Gênero em Defesa. (ESUDE, 2016)

A concepção filosófica da Escola é ampla e profunda, permeando as diversas formas de expressão do poder nacional dos estados-membros. Sua ação deve ir além do campo militar, abordando o setor social, político, ambiental, econômico e de infraestrutura regional (VIEIRA, H. et al., 2015).

Sendo assim, os cursos ministrados sob a supervisão da ESUDE deverão balizar uma concepção sul-americana de defesa, em que serão considerados os aspectos regionais, as características psicossociais — as identidades nacionais — e as realidades econômicas existentes no subcontinente.

Identidade cultural

As discussões acerca do conceito de identidade, em um sentido sociológico, são amplas e dinâmicas. Entretanto, é possível estabelecer uma origem etimológica que facilite o entendimento do termo.

A palavra “identidade” tem origem no latim “*identitas*”, cujo significado é “a mesma coisa”, mesma origem da palavra “idem”, que significa “o mesmo”. Sabendo isso, conclui-se que “identidade” pode representar, não só o que é semelhante e comum, como também o que é capaz de representar a igualdade no coletivo.

Tamanha é a importância da cultura para a formação de uma identidade individual e coletiva, que existem culturas que ultrapassam nações. Segundo Morais [ca.2012], mesmo que um estado desapareça, sua cultura pode permanecer existindo.

A busca ou o resgate das identidades vêm ganhando cada vez mais espaço na pesquisa acadêmica, como forma de compreensão das relações entre o Homem, a sociedade, o estado e o poder, como afirma Aguiar:

São mudanças políticas que trazem à baila novas questões teóricas para se pensar a América Latina contemporânea, reabrindo o tema da identidade, da multiculturalidade, ao passo que se trava uma aproximação entre a história latino-americana, a formação excludente dos nossos estados-nação, bem como o questionamento da herança colonial dentro dos atuais padrões de poder. (AGUIAR, 2016, p.274)

A relação entre estado e identidade é tão estreita que Cuche (2002, p.188) concluiu que um dos papéis do estado é ser o gestor da identidade que lhe cabe, instaurando instrumentos de controle sobre essa identidade. Nesse sentido,

a legitimação da Identidade de um povo, de uma nação, representa entre outros significados o reconhecimento de sua cultura, modo de vida, língua, costumes entre outras[...] (SOUZA, 2011, p. 34)
A construção de identidades vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 1996, p.23)

Ainda nesse sentido, Hall (2002, p.62) afirma que são “características culturais — língua, religião, costume, tradições e sentimento de ‘lugar’”. Dessa forma, a identidade de um indivíduo será “definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2002, p.13).

A identidade cultural é um conceito mais restritivo no campo sociológico, sendo caracterizada pelas relações entre indivíduos, cercadas por significados que envolvem a percepção de semelhanças, pelo compartilhamento da língua, das expressões de arte, religiosas, bem como da percepção do trabalho (OLIVEIRA, 2010), servindo como um elemento capaz de unir os esforços dos membros de um grupo em prol de um objetivo comum, tal como a defesa (FERREIRA; FONSECA; e COSTA, 2016).

Com relação às questões culturais, o papel desempenhado pela divisão do trabalho tem particular importância na construção da identidade na América. Foi da repartição dos Homens pelo desempenho funcional que se fez a divisão das estruturas sociais que compõem o imaginário coletivo das nações sul-americanas. Assim, “os índios [...] passam a estar associados à estrutura social da servidão, os negros, à escravidão, e o europeu, ao trabalho assalariado” (QUENTAL, 2012, p.60).

Sobre a utilização da língua como fator de identificação, Hall (2002, p.40) afirma que ela é “um sistema social e não um sistema individual” e que “preexiste a nós”, ou seja, é um código atemporal, que precede as estruturas sociais, determinando uma cultura e influenciando na percepção da identidade.

A identidade cultural e o sentimento de nacionalidade são, muitas vezes, indissociáveis, impedindo que a análise de um ocorra sem a interpretação do outro, pois “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2002, p.47).

“A identidade e sentimento de pertencimento são construídos de forma coletiva” por aqueles que possuem um passado — uma origem histórica comum (FERREIRA; FONSECA; e COSTA, 2016). Sem esse sentimento de pertencimento “o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (HALL, 2002, p.48), que incapacita à vida em coletividade.

A construção da cultura nacional se faz pelo amálgama da história de determinado povo, que transparece na literatura nacional, nos versos e prosas que levam de um passado comum a um futuro desejado; pelo uso das tradições (das históricas e das inventadas); e pelo mito da fundação e gênese do povo.

Sendo assim, Hall (2002, p.49) destaca que não é possível entender a existência de uma nação como um fenômeno social isolado. Deve-se perceber que, além de uma entidade político-jurídica, a nação é uma entidade que produz sentido à existência, em um complexo sistema de representação cultural coletiva.

As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2002, p.51)

Tendo por ponto de partida os fatores que constituem o sentido de identidade e sabendo que a identidade cultural é um dos pilares que permitem a existência das nações

modernas, pode ter início o estudo das divergências que configuram entraves à integração dos estudos de segurança e defesa na América do Sul.

Divergência cultural sul-americana

Uma vez que se conhecem os fatores que constituem a identidade de um povo e a complexidade de sua identidade cultural, percebe-se que não é possível estabelecer na América do Sul uma identidade regional única, que seja capaz de representar povos com tamanhas diferenças.

As diferenças existentes entre os povos sul-americanos são responsáveis pela percepção de estranhamento que gera distanciamento entre os povos da região. Nem mesmo a semelhança advinda de um passado histórico comum pode romper esse processo de estranhamento.

Dentre os diversos fatores capazes de gerar divergências e antagonismos na América do Sul, destaca-se que

É enorme a variedade, a diversidade cultural, institucional e social entre nossos vizinhos. As pessoas são acolhedoras, as culinárias são riquíssimas, as paisagens e a música são atrativas. Nem tudo, porém, foi até hoje captado pelos brasileiros. (PATRIOTA, 2012, p.16)

É necessário levar em consideração que o ambiente sul-americano é composto por países com identidade própria, altamente miscigenados, com diferentes culturas, personagens e políticas. Essa diversificação gera antagonismos que dificultam a integração dos estudos de defesa em ambiente

acadêmico. Em verdade, o maior indicativo dessas divergências está na ausência de um consenso sobre o que é ser *sul-americano* (JUNIOR, 2008, p.17).

O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1975) tentou retratar a América Latina como uma área com semelhança sociológica, caracterizada por uma origem hispânica comum, pois, na América do Sul, encontram-se predominantemente duas origens europeias colonizadoras: Portugal e Espanha. Esses dois países da Península Ibérica trouxeram para o novo mundo suas características sociológicas, imprimindo um ritmo e um arranjo social capazes de replicar parte de sua identidade na região da América do Sul.

Embora afirme que a diferença entre colonização portuguesa e espanhola seja arbitrária, Freyre ressalta que existem diferenças marcantes entre o português e o espanhol e que isso repercutiu na América do Sul. Diz ele que “o modo de a gente do Peru ou do Equador ser hispânica é diferente do modo de ser hispânico do argentino ou do brasileiro” (1975, p. xxxi).

Resta claro que, em meio a essas semelhanças, são as diferenças que acabam tendo preponderância no entender das identidades, criando um distanciamento sociológico e dificultando o papel da ESUDE na sua parcela da integração regional.

Como afirma Hall: “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização” (2002, p.69).

Aceitar as diferenças culturais na América do Sul pode ser benéfico para minimizar o ressurgimento dos nacionalismos, sendo o multiculturalismo “uma resposta à universa-

lização e homogeneização cultural crescente no tempo presente”, favorecendo o “diálogo entre as diferenças, vislumbrando construir uma identidade que contribua para as relações entre os países que compõem o bloco” (FERREIRA; FONSECA; e COSTA, 2016).

A relação entre as identidades nacionais, regionais e globais são fatores a se considerar, pois, mesmo que as identidades nacionais — expressas pelo respeito à cidadania — permaneçam fortes, as identidades locais, regionais ou comunitárias vêm ganhando espaço, podendo até suplantarem as primeiras (HALL, 2002, p.73).

O que se observa, nesse contexto, é o receio pela aculturação. Busca-se, assim, uma forma de negar o *outro*, que é totalmente estranho, por intermédio da aliança com o *outro*, que, não sendo igual, ao menos se mostra parecido.

A divergência cultural sul-americana pode ser explicada sob o enfoque da identidade cultural, que se expressa sob três fatores constitutivos: o fator histórico; o uso da língua e do idioma; e a percepção do trabalho.

A língua, em sua forma escrita ou falada, como se viu anteriormente, é um dos principais vetores da identidade cultural de um povo.

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2002, p.40)

Na América do Sul, a língua predominante é o espanhol, seguido pelo português,

falado somente no Brasil, e — de menor projeção — outras línguas de origem nativa ou europeia. O fato de a língua portuguesa ser falada apenas no Brasil dificulta a ação dos brasileiros na integração regional, uma vez que a maioria dos países da América do Sul tem no espanhol um fator de *identidade*.

Independente disso, Freyre ressalta que, mesmo o Brasil sendo uma exceção no contexto colonizador espanhol, o país “não deixou de receber o impacto espanhol em dias decisivos de sua experiência pré-nacional” (FREYRE, 1975, p. xxxi).

A família das línguas Ibéricas, origem portuguesa e espanhola, coloca em situação de similaridade e afinidade os idiomas predominantes na América do Sul, sem deixar de ser um obstáculo maior para os brasileiros na comunicação dos estudos de segurança e defesa da ESUDE.

A língua, entretanto, não é o único fator que dificulta a integração em âmbito regional. Gonçalves destaca que, na América do Sul,

há um grande *deficit* de integração, que não decorre propriamente da falta de vontade política, e mais da herança histórica, cultural, nacionalista, soberanista. (GONÇALVES, 2012, p.216)

Assim, a assimetria cultural provém também das raízes históricas que deixaram marcas diferentes em cada um dos povos da América do Sul, colocando em lados opostos até o que é idêntico, como os aspectos geográficos e históricos (ALVAREZ, [ca. 2016]).

Para Seixas (2008, p. 96), “o passado colonial e a submissão aos impérios dominantes ou hegemônicos não são critérios suficientes para definir a identidade cultural

de um povo”, sendo notório que o colonialismo comum aos países sul-americanos não foi capaz de torná-los iguais ou tão semelhantes como se poderia crer.

O processo histórico da construção das nacionalidades imprimiu ritmos e condições geopolíticas que distinguiram definitivamente os destinos da América Portuguesa e da América Espanhola. Prova disso é a configuração espacial dos países da América do Sul. As preocupações portuguesas e sua obsessão por cuidar de suas fronteiras desde a Europa, “temeroso de ser engolido pela Espanha” (RIBEIRO, 1995, p.149), fez com que se preocupasse mais do que os espanhóis em demarcar e cuidar de suas posses na América.

Os processos de independência também distinguem a colonização espanhola e portuguesa na América, trazendo significativa diferenciação nas identidades nacionais. A fragmentação da América Espanhola e a manutenção territorial do Brasil — representante único da América Portuguesa — deixaram marcas nos povos sul-americanos que os diferenciam mais do que os igualam.

Comparando o bloco unitário resultante da América portuguesa com o mosaico de quadros nacionais diversos a que deu lugar a América hispânica, pode-se avaliar a extraordinária importância desse feito (RIBEIRO, 1995, p.22)

e concluir como esse processo alterou a percepção das identidades nacionais.

Assim,

os dois processos de independência possuem o denominador comum da invasão da Península Ibérica por Napoleão Bo-

naparte, mas as características diferentes dessas sociedades e seus contextos externos repercutiram sobre a formação dos Estados nacionais no Cone Sul. (DORATIO-TO, 2012)

A relação de poder e a intervenção das metrópoles no cotidiano sul-americano fizeram com que a colonização espanhola tivesse um predomínio das ações militares sobre as terras do novo mundo (HOLANDA, 1995, p.95), o que irá imprimir uma *nuance* particular na construção da identidade dos países de colonização espanhola na sua comparação com o Brasil português.

Diferentes concepções culturais derivadas de componentes históricos apontam para possível sentimento de animosidade — do passado ou atual.

Nos Andes, os conflitos que deram origem ao esfacelamento da utopia bolivariana foram endógenos: hispânicos contra hispânicos; caudilho contra caudilho. Na região do Prata, o único espaço sul-americano onde as frentes colonizadoras se encontraram, os conflitos foram de outra natureza, carregados de antagonismos herdados da Península Ibérica. Castelhanos de um lado, luso-brasileiros de outro, disputando a demarcação dos limites artificiais e irrealizáveis das Tordesilhas. (CORRÊA, 2012 p.210)

As grandes dimensões do Brasil dentro do subcontinente sul-americano, bem como o peso de sua economia, são fatores que despertaram preocupações em seus vizinhos.

A maior expansão das fronteiras brasileiras ocorreu quando o país ainda era uma colônia portuguesa e um jovem Império. As ações que levaram à expansão territorial

brasileira geraram um senso comum de que o país era expansionista e *imperialista*. Nesse contexto, o país era responsável por “responder las previsibles sospechas acerca de las siempre temidas aspiraciones hegemónicas o ‘imperialistas’ de Brasil en la región” (CAETANO, 2012).

La región presenta la siguiente situación: dos países grandes, Brasil y Argentina, **con no disimuladas tendencias expansionistas**, y tres países chicos (geográfica, demográfica o económicamente chicos): Uruguay, Bolivia y Paraguay. (SCHILLING, 1978 – **grifo nosso**)

Embora as aspirações imperialistas brasileiras pareçam infundadas hoje, deixaram no imaginário coletivo sul-americano um latente receio e a sensação de perigo iminente, que pode dificultar a integração dos estudos de segurança e defesa na ESUDE.

Outro fator fundamental para a compreensão da formação da identidade cultural é a maneira como os povos se relacionam com a atividade laboral. Na América do Sul, existe a crença de que tanto espanhóis quanto portugueses percebem o trabalho como um “fruto exótico” (HOLANDA, 1995, p.39), estando esses povos muito mais propensos ao ócio e ao lazer do que ao trabalho.

A percepção do trabalho como uma prática sem virtude desencadeou precárias ideias de solidariedade entre os povos ibéricos na América do Sul (HOLANDA, 1995, p.39), o que constitui um óbice cultural à integração dos estudos de segurança e defesa na Escola Sul-Americana de Defesa.

Desse fator acabam decorrendo prazos mais dilatados e resultados menos expressi-

vos quanto à produção científica, sendo apenas o 15º país do Mundo em produção científica, apesar de ter a 5ª maior população mundial. Seguindo o Brasil em produção científica estão a Argentina (37º), Chile (45º) e Colômbia (50º) (SCIMAGO, 2015).

Assim, independente das muitas semelhanças e diferenças entre brasileiros e os *outros* da América do Sul, o que se observa é uma reatividade brasileira e uma falta de identificação entre *nós* e os *outros*.

Ribeiro (1995, p.243) afirmou que “nosso país tem tanta seiva de singularidade que torna extremadamente difícil aceitar e desfrutar o convívio com outros povos”, sendo corroborado por Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 40 e 184), que ressalta os povos da América do Sul tendo uma alma comum, apesar de tantas diferenças, lembrando que de nada adianta propagar princípios democráticos e liberais enquanto existirem lutas por personalismo ou de um contra o outro.

O embaixador José Botafogo Gonçalves (2012, p.216) critica a postura “soberanista” e “excessivamente nacionalista” existente nos sul-americanos, entre os quais deveria haver um consenso em torno da visão de desenvolvimento regional que seria benéfica a todos. Essa postura histórica permeia todas as relações regionais e dificulta a integração.

Quando se tem presente tamanha “dissimilaridade” (sic) de formação, estas personalidades nacionais coletivas tão divergentes, assim como as contraposições históricas formidáveis que permaneceram ao longo da vida independente dos nossos países (a ponto de nossas respectivas

hipóteses de conflito estarem, até poucas décadas, centradas em um contra o outro), torna-se mais fácil valorizar a significação histórica da aliança estratégica a qual conseguimos construir a partir do projeto de integração. (CORRÊA, 2012, p.213)

Dessa forma, fica evidente que as tentativas de integração — não só no campo dos estudos da segurança e defesa — encontram obstáculos em uma série de fatores culturais que ora repelem, ora aproximam os povos da América do Sul. O Brasil, como o *outro*, tem papel fundamental na identificação das assimetrias e no sentimento de pertencimento necessário ao processo de integração regional. Deve levar em conta “o peso da história, o enraizamento profundo das soberanias e das identidades nacionais na região” (SORJ; FAUSTO, 2011, p.21) para que as assimetrias sejam superadas e para que sejam atingidos os níveis de integração que se almejam.

O bolivarianismo

Uma das tentativas históricas para aglutinar os “iguais” das Américas foi descrita por Simón Bolívar, em sua *Carta da Jamaica*, onde expressa o desejo (ou sonho) de constituir em todo o Novo Mundo um governo central que confederasse os estados, “já que têm uma só origem, uma só língua, os mesmos costumes e uma só religião” (BOLÍVAR, 1815, p.12)

Ressurgido na última década do século XX com a ascensão de Hugo Chávez na Venezuela, o bolivarianismo é um movimento político-ideológico que remonta aos preceitos da “visão pan-americana concebida por

Simón Bolívar (1783-1830)” (SILVA, 2011). Bolívar foi um artífice da independência de vários países sul-americanos, sendo reconhecido como herói nacional na Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Equador.

Hoje o bolivarianismo sul-americano aparece como uma mistura dos ideais de Simón Bolívar e das concepções de Che Guevara e Fidel Castro (FILHO, 2007, p.10). Esse bolivarianismo moderno considera a união dos países em razão de identidade cultural e fatores históricos, sendo corrosivo à integração dos estudos de defesa propostos na ESUDE, pois apresenta um discurso carregado de ideias paranoicas, atribuindo à disputa e ao conflito uma dimensão moral, pregando um “desfecho conspirativo oposicionista” (SEABRA, 2010, p.217).

A política externa bolivariana de Hugo Chávez interferiu em episódios internos da Bolívia, Equador e Peru, (FILHO, 2007, p.10) desrespeitando princípios de soberania nacional, o que impacta no relacionamento entre esses países e dificulta a integração regional.

O estudo do discurso de Bolívar deixa latente que sua concepção de integração não incluía o Brasil, de colonização portuguesa. Apesar da ligação pessoal recente entre os chefes de governo bolivarianistas e os presidentes Lula e Dilma, desde a origem, o movimento bolivarianista trata diferentemente o Brasil. As ações revolucionárias de Bolívar na América não visavam ao Brasil, mantendo um afastamento político e ideológico desde o princípio com este país.

Esse distanciamento dos governos bolivarianistas frente ao Brasil tornou-se evidente no protesto diplomático ocorrido por

ocasião do discurso do presidente Michel Temer na abertura da Assembleia Geral da ONU, no dia 20 de setembro de 2016. Na ocasião, Bolívia, Venezuela e Equador (países que mais destacadamente apresentaram características bolivarianistas) retiraram seus representantes da Assembleia em sinal de protesto contra o governo brasileiro por divergências políticas (BATISTA, 2016).

Nesse contexto, bolivarianistas se valem de uma visão míope, na qual o Brasil seria uma nação *imperialista*, e nutrem um sentimento anti-Brasil, fundamentando no *anticolonialismo* de Simón Bolívar, o *anti-imperialismo* do século XXI.

A luta contra aqueles considerados opressores (incluindo o Brasil “imperialista”) fica evidente no texto de Bonilla-Molina e El Troudi:

La Revolución Bolivariana no es un proceso nuevo; por el contrario, constituye la síntesis de resistencia a la opresión y el poder constituido que ha librado nuestro pueblo contra la conquista, la colonización, contra el Fordismo y el Estado de Bienestar Keynesiano, contra las políticas imperialistas de sustitución de importaciones y reparto de los mercados y ahora contra el neoliberalismo. (BONILLA-MOLIN; EL TROUDI 2009)

A integração sul-americana fica comprometida em função desses movimentos políticos e ideológicos que buscam a união apenas em uma unidade de pensamento em congruência de identidades.

Ainda que não se alastre pela América do Sul, o movimento bolivarianista acaba sendo fonte de atrito e de tensão no subcontinente. A mobilização da população e o

fortalecimento das forças armadas em países como Venezuela, Bolívia e Equador, além de forças paramilitares na Colômbia e Paraguai, dificultam a formação de doutrinas de defesa no âmbito da ESUDE.

Heloísa Vieira (VIEIRA et al, 2015) destaca que a tentativa de segregação regional e separatismo ocorrida na Bolívia em 2009 e a instabilidade da Venezuela desde 2014 são entraves à integração dos estudos de segurança e defesa regional.

Dessa forma, observa-se que existe uma divergência cultural entre os países que são membros da Escola Sul-Americana de Defesa. Essa divergência tem origem nos elementos que constituem a identidade cultural de seus povos, com vasto lastro na constituição histórica das nações da América do Sul, e constitui um entrave à integração dos estudos de segurança e defesa regional.

Conclusão

A integração regional vem recebendo cada vez mais destaque nos planejamentos estratégicos dos países da América do Sul. Por motivos diversos, a integração nos assuntos de defesa foi desprezada e representou historicamente um hiato nas relações entre países sul-americanos.

A criação da Escola Sul-Americana de Defesa é um marco na integração dos países da América do Sul. Sua função principal é elaborar estudos que facilitem e tornem mais eficazes os esforços dos países-membros nos assuntos de segurança e defesa nacional.

Os estudos elaborados na ESUDE terão como subproduto as interações entre as diferentes identidades culturais dos países

que compõem o quadro da escola. Em meio a semelhanças e diferenças, cada país tende a considerar seus fatores de identidade na elaboração de políticas nas mais diversas áreas.

As questões de defesa, entretanto, se apresentam como assuntos mais delicados, por se encontrarem em um dos pilares da construção da identidade cultural de um povo, envolvendo as questões relativas à nacionalidade e o sentimento de pertencimento. As questões de defesa e a formação de nações e pátrias estiveram presentes desde a gênese da identidade cultural de cada um dos povos da América do Sul.

No estudo da segurança e da defesa regional, estarão presentes alguns dos principais elementos que constituem a identidade cultural de um povo: a língua, o passado histórico e a percepção do trabalho. Ao mesmo tempo em que esses fatores identificam um povo, são instrumentos na rotina da ESUDE e podem se tornar óbices à integração regional, pois, ao mesmo tempo em que integram os que se identificam como “iguais”, repelem os considerados “diferentes”.

Com isso, a percepção de semelhantes identidades levou ao surgimento do bolivarianismo, um dos principais obstáculos à plena integração regional e, em especial, aos estudos de segurança e defesa da América do Sul.

A identificação se mostra fator preponderante para integração em âmbito regional, sobretudo abordando assuntos de segurança e defesa. Seja a identificação de semelhanças ou de ameaças, a aglutinação ou a repulsa entre os países e os povos da América do Sul pode ser um dos maiores obstáculos à exis-

tência de uma escola regional que pesquise sobre segurança e defesa integrada.

Conclui-se que existem semelhantes identidades culturais no âmbito da ESUDE, mas que as diferenças são mais determinantes no contexto regional, sendo estas diferenças os principais pontos de divergência capazes de se transformar em

obstáculo aos objetivos daquela Escola. Nesse cenário, caberá ao Brasil reconhecer sua visão “soberanista” e sua repulsa aos *outros* e suas diferenças, de forma a romper as barreiras impostas pelo idioma e tornar realidade a integração regional em assuntos de segurança e defesa propostos pela ESUDE. 🌐

Referências

- AGUIAR, Jórissa Danilla Nascimento. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.21, n.41, p.273-289, jul./dez. 2016.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. (Des) Construção da identidade latino-americana: heranças do passado e desafios futuros. **Revista Intercâmbio**. [ca. 2016].
- BATISTA, Henrique. Países críticos ao impeachment se retiram da Assembleia da ONU durante discurso de Temer. **O Globo**. Nova York, 20 Set 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/paises-criticos-ao-impeachment-se-retiram-da-assembleia-da-onu-durante-discurso-de-temer-20145413>>. Acesso em 21/09/2016
- BOLÍVAR, Simon. **Carta de Jamaica** - Contestación de un Americano Meridional a un caballero de esta isla. Kingston, 1815. Disponível em: <<http://uniondelsur.menpet.gob.ve/interface.sp/database/fichero/free/27/1.PDF>>. Acesso em 10 jul. 2016.
- BONILLA-MOLINA, Luis; EL TROUDI, Haiman. **Historia de la revolución Bolivariana**. Disponível em: <www.monografias.com/trabajos25/revolucion-bolivariana/revolucion-bolivariana.shtml>. Acesso em 12 jul. 2016.
- CAETANO, Gerardo. *Uruguay y Sudamérica: MERCOSUR, UNASUR y los desafíos de una nueva inserción internacional*. In: Fundação Alexandre de Gusmão. **A América do Sul e a integração regional**. Brasília, 2012, p. 119-156.
- CARMO, Marcia. Escola de Defesa da Unasul começa a funcionar em busca de autonomia regional. BBC Brasil, Buenos Aires, 17 Abr 2015, Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150417_escola_defesa_unasul_mc>. Acesso em 11/09/2015.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, v. II, Paz e Terra, São Paulo, 1996, p.22 -28.
- CERVO, Amado Luís. A crise da América do Sul e a solução diplomática. **Meridiano 47**. Brasília, n. 92, mar. 2008.
- CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas. Oportunidades e desafios da integração sul-americana. In: Fundação Alexandre de Gusmão. **A América do Sul e a integração regional**. Brasília, 2012, p. 209-214.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DORATIOTO, Francisco. A formação dos Estados do Cone Sul. In: Fundação Alexandre de Gusmão. **A América do Sul e a integração regional**. Brasília, 2012, p. 19-42.

ESUDE. **Cursos aprovados para 2016**. Disponível em: <<http://esude-cds.unasursg.org/index.php/academia/cursos/34-cursos-aprovados-para-2016>>. Acesso em: 12 set 16

FERREIRA, Janylle de Almeida; FONSECA, Maria V. Rodrigues; e COSTA, Rejane Pinto. Processos de construção da identidade sul-americana de defesa: um olhar multicultural. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA, 9., 2016, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1466495292_ARQUIVO_ESUDEenviadoABED2.pdf>. Acesso em 17 jan. 2017.

FILHO, Pio Penna. Hugo Chávez e a diplomacia Venezuelana. **Meridiano 47**, Brasília, n. 87, p. 10-11, out. 2007.

FREYRE, Gilberto. **O brasileiro entre os outros hispanos**: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975.

GONÇALVES, José Botafogo. Debates. In: Fundação Alexandre de Gusmão. **A América do Sul e a integração regional**. Brasília, 2012, p. 215-216.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, T.T.; LOURO, G.L., 7. ed. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, Wilson Tadashi Muraki. Unasul: 'uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo'. Será? **Meridiano 47**, Brasília, n 95, p.15-17, jun. 2008.

MORAIS, Noara Herculano Pereira. **A identidade cultural latino-americana no mundo pós-moderno sob a perspectiva do interculturalismo**. [ca. 2012]. Disponível em: <www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=78631a4bb5303be5>. Acesso em: 12 jan. 2017

NAFALSKI, Guilherme P. N. **Unasul: uma perspectiva política de integração sul-americana**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciência Sociais e Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa. **Identidade Cultural**. 2010. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tikiindex.php?page=Identidade%20cultural>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar, Discurso Inaugural. In: Fundação Alexandre de Gusmão. **A América do Sul e a integração regional**. Brasília, 2012, p. 09-17.

PEREIRA, Rômulo Bini. Escola de defesa sul-americana. **Estadão**, São Paulo, 08 jul. 2015. Disponível em: <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,escola-de-defesa--sul-americana,1721200>>. Acesso em 15 abr.2016.

QUENTAL, Pedro de Araújo. A Latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**. Niterói, v.14, n.27, p.46-75, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Pulo: Companhia das Letras, 1995

SCHILLING, P.R., **El expansionismo brasileño**. Cidade do México: El Cid Editor, 1978.

SCIMAGO. SJR — **Scimago Journal & Country Rank**. Retrieved July 21, 2015. Disponível em: <www.scimagojr.com/countryrank.php>. Acesso em 23 jan. 2017.

SEABRA, R. A revolução venezuelana: chavismo e bolivarianismo. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 13, n. 2, p.211-220, jul./dez. 2010.

SEIXAS, R. Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v.7, n.12, p. 93-120, 2008. Disponível em: <www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82312/85285>. Acesso em 02 mar 2017.

SILVA, E.P. **A influência do Bolivarianismo na América do Sul: possíveis reflexos para o Brasil no campo militar do poder nacional**. 2011. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2011.

SORJ, Bernardo; FAUSTO, Sérgio. **Brasil e América do Sul: olhares cruzados**. Rio de Janeiro: Plataforma Democrática. 2011.

SOUZA, A. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v.4, n.4, p.29-39, dez.2011. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/364/n4Ailton.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2017.

VIEIRA, H. et al. **Panorama da Escola Sul-Americana de Defesa na Perspectiva Brasileira**. Disponível em: <www.defesa.gov.br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/artigos/xii_cadn/panorama_da_esa.pdf>. Acesso em 22 maio 2016.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.